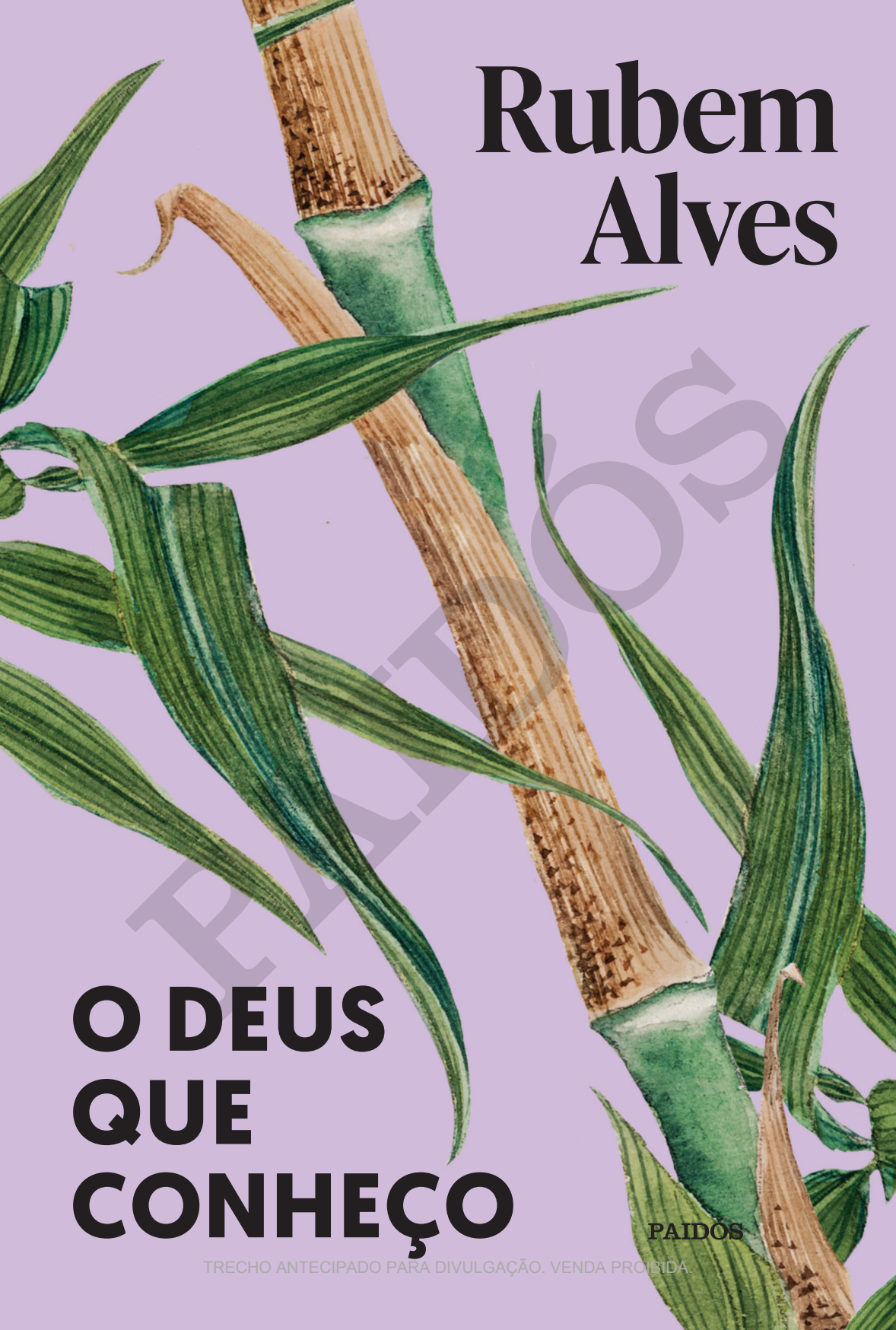




Rubem Alves

O DEUS QUE CONHEÇO

PAIDOS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Rubem Alves

O DEUS QUE CONHEÇO

2ª edição

PAIDÓS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Rubem Alves, 2019
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2019, 2025

Todos os direitos reservados.

Preparação: Fernanda França

Revisão: Fernanda Guerriero Antunes, Juliana de A. Rodrigues e Wélida Muniz

Projeto gráfico e diagramação: Negrito Produção Editorial

Capa: Filipa Damião Pinto (@filipa_) | Estúdio Foresti Design

Imagem de capa: Megata Morikaga. Japanese Bamboo/Rawpixel

Ilustrações de miolo: Elivelton Reichert

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Alves, Rubem, 1933-2014

O Deus que conheço / Rubem Alves. – 2. ed. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
192 p.

ISBN 978-85-422-3750-4

1. Crônicas brasileiras 2. Deus - Crônicas I. Título

25-3001

CDD B869.8

Índice para catálogo sistemático:
1. Crônicas brasileiras



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo-SP – CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

SUMÁRIO

Prefácio, por Leandro Karnal	13
Antes de ler, uma explicação...	19

PARTE 1. *O rosto belo de Deus*

Deus existe?	25
Sem contabilidade	31
Fora da beleza não há salvação...	37

PARTE 2. *A vontade de Deus*

Sobre a morte e o morrer	45
Doutor, será que escapo desta?	49
Meditação sobre a pergunta de uma pessoa que vai morrer	53
Casuística	57
Não sejas demasiado justo	61
As estrelas brilham no céu, os homens sofrem na terra	65
Estrelas ou jardins	69
A ética angelical	71
Petrus	73

O direito de morrer sem dor	77
Ética e trapaça	81

PARTE 3. *Hipocrisias mundanas*

Sobre deuses e rezas	87
Será que vou rezar?	91
“Seu destino é o sucesso...”	95
A praga	99
O grande mistério	103
Senhor bispo	107
O filósofo e a camisinha	109
“O prazer nosso de cada dia dá-nos hoje...”	113
A dor	117
Cremação	121

PARTE 4. *A beleza do céu na terra*

Comemorar, recordar	127
Velórios	131
A música dos céus	135
O canto gregoriano	139
Todos os homens devem morrer...	143
A cidade adormecida	147
Oãçanracneer	151

PARTE 5. *O riso dos deuses*

Inseminação artificial	159
A Bíblia não mente	161
El Niño	163

Arrebatamento	165
Sobre ceroulas e a salvação da alma	167
Sobre os novos caminhos da Santíssima Trindade	169
Generala	173
Os bichos vão para o céu?	175
Criança não acredita em Deus	177
Conversa teológica entre pai e filho	179

PAIDÓS

DEUS EXISTE?

De vez em quando alguém me pergunta se eu acredito em Deus. E eu fico mudo, sem dar resposta, porque qualquer resposta que desse seria mal-entendida. O problema está neste verbo simples, cujo sentido todo mundo pensa entender: “acreditar”. Mesmo sem estar vendo, eu acredito que existe uma cordilheira chamada Himalaia, e acredito na estrela Alfa Centauro, e acredito que dentro do armário há uma réstia de cebolas... Se eu respondesse à pergunta dizendo que acredito em Deus, o estaria colocando no mesmo rol em que estão as montanhas, a estrela, as cebolas, uma coisa entre outras, não importando que seja a maior de todas.

Era assim que Casimiro de Abreu acreditava em Deus, e todo mundo decorou e recitou seu poema teológico:

Eu me lembro! Eu me lembro! – Era pequeno
E brincava na praia; o mar bramia
E, erguendo o dorso altivo, sacudia
A branca espuma para o céu sereno.

E eu disse a minha mãe N'esse momento:
“Que dura orquestra! Que furor insano!
Que pode haver maior que o oceano,
Ou que seja mais forte do que o vento?”

Minha mãe a sorrir olhou pr'os céus
E respondeu: “Um Ser que nós não vemos
E maior do que o mar que nós tememos,
Mais forte que o tufão, meu filho, é Deus!”*

Ritmos e rimas são perigosos porque, com frequência, nos levam a misturar razões ruins com música ruim. Deixados de lado o ritmo e as rimas, o argumento do poeta se reduz a isto: Deus é uma “coisona” que sopra qual ventania enorme, e um marzão que dá muito mais medo que esse mar que está aí. Ora, admito até que “coisona” tal possa existir. Mas não há argumento que me faça amá-la. Pelo contrário, o que realmente desejo é vê-la bem longe de mim! Quem é que gostaria de viver no meio da ventania, navegando num mar terrível? Eu não...

É preciso, de uma vez por todas, compreender que acreditar em Deus não vale um tostão furado. Não, não fiquem bravos comigo. Fiquem bravos com o apóstolo Tiago, que deixou escrito em sua epístola sagrada: “Tu crês que só há um Deus? Fazes bem; também os demônios o creem e estremecem.” (Tg 2:19). Em resumo, o apóstolo está dizendo que os demônios estão melhor do que nós, porque, além de acreditar, estremecem... Você estremece ao ouvir o nome de Deus? Duvido. Se estremecesse, não o repetiria tanto, por medo de contrair malária...

* ABREU, Casimiro de. *As primaveras*. São Paulo: Martin Claret, 2014.

Enquanto escrevo, estou ouvindo a sonata “Appassionata”, de Beethoven, a mesma que Lênin poderia ouvir o dia inteiro, sem se cansar, e seu efeito era tal que ele tinha medo de ser magicamente transformado em alegria e amor, sentimentos incompatíveis com as necessidades revolucionárias (o que explica as razões por que ativistas políticos geralmente não se dão bem com música clássica). Se eu pudesse conversar com o meu cachorro e lhe perguntasse:

— Você acredita na “Appassionata”?

Ele me responderia:

— Pois é claro. Acha que eu sou surdo? Estou ouvindo. E, por sinal, esse barulho está perturbando o meu sono.

Mas eu, ao contrário do meu cachorro, tive vontade de chorar por causa da beleza. A beleza tomou conta do meu corpo, que ficou arrepiado: a beleza se fez carne. Mas sei que a sonata tem uma existência efêmera. Dentro de poucos minutos só haverá o silêncio. Ela viverá em mim como memória. Assim é a forma de existência dos objetos de amor – não como as montanhas, a estrela, as cebolas, mas como saudade. E eu, então, pensarei que é preciso tomar providências para que a sonata ressuscite de sua morte...

Leio e releio os poemas de Cecília Meireles. Por que releio, se já os li? Por que releio, se sei de cor as palavras que vou ler? Porque a alma não se cansa da beleza. Beleza é aquilo que faz o corpo tremer. Há cenas que ela descreveu que, eu sei, existirão eternamente. Ou, inversamente, porque existiam eternamente, ela as descreveu.

O crepúsculo é este sossego do céu
com suas nuvens paralelas

e uma última cor penetrando nas árvores
até os pássaros.

É esta curva dos pombos, rente aos telhados,
este cantar de galos e rolas, muito longe;
e, mais longe, o abrolhar de estrelas brancas,
ainda sem luz.*

Que existência frágil tem um poema, mais frágil que as montanhas, a estrela, as cebolas. Poemas são meras palavras, que dependem de que alguém as escreva, leia, recite. No entanto, as palavras fazem com o meu corpo aquilo que o universo inteiro não pode fazer.

Fui jantar com um rico empresário, que acredita em Deus, mas me disse não compreender as razões por que puseram o retrato da Cecília Meireles, uma mulher velha e feia, numa cédula do nosso dinheiro. Melhor teria sido o retrato da Xuxa. Do ponto de vista da existência, ele estava certo. A Xuxa tem mais realidade que a Cecília. Ela tem uma densidade imagética e monetária que a Cecília não tem e nunca quis ter. A Cecília é um ser etéreo, semelhante às nuvens do crepúsculo, à espuma do mar, ao voo dos pássaros. E, no entanto, sei que os seus poemas viverão eternamente. Porque são belos.

A beleza é entidade volátil – toca a pele e rápido se vai. Pois isso a que nos referimos pelo nome de Deus é assim mesmo: um grande, enorme Vazio, que contém toda a beleza do universo. Se o vaso não fosse vazio, nele não se plantariam as flores. Se o copo não fosse vazio, com ele não se beberia a água. Se a boca não fosse vazia, com ela não se comeria o fruto. Se o útero não fosse

* MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. São Paulo: Global, 2017.

vazio, nele não cresceria a vida. Se o céu não fosse vazio, nele não voariam os pássaros, nem as nuvens, nem as pipas...

E assim, me atrevendo a usar a ontologia de Riobaldo, posso dizer que Deus tem de existir. Tem beleza demais no universo, e beleza não pode ser perdida. E Deus é esse Vazio sem fim, gamela infinita, que pelo universo vai colhendo e ajuntando toda a beleza que há, garantindo que nada se perderá, dizendo que tudo que se amou e se perdeu haverá de voltar, se repetirá de novo. Deus existe para tranquilizar a saudade.

Posso então responder à pergunta que me fizeram. É claro que acredito em Deus, do jeito como acredito nas cores do crepúsculo, do jeito como acredito no perfume da murta, do jeito como acredito na beleza da sonata, do jeito como acredito na alegria da criança que brinca, do jeito como acredito na beleza do olhar que me contempla em silêncio. Tudo tão frágil, tão inexistente, mas me faz chorar. E, se me faz chorar, é sagrado. É um pedaço de Deus... Dizia o poeta Paul Valéry: “Que seria de nós sem o socorro daquilo que não existe?”.

SEM CONTABILIDADE

Para escrever esta crônica, preciso de dois fios que deixei soltos. Porque eu escrevo como os tecelões que tecem seus tapetes trançando fios de linha. Também eu tranço fios. Só que de palavras.

O primeiro fio saiu do corpo de uma aranha de nome Alberto Caeiro. (Aranha, sim. Tecemos teias de palavras como casas de morar sobre o abismo.) Disse:

O essencial é saber ver [...]

Mas isso [...],

Isso exige um estudo profundo,

Uma aprendizagem de desaprender [...]

Procuro despir-me do que aprendi,

Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,

E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos.*

Volta-me à memória o meu amigo raspando a tinta das paredes da casa centenária que comprara; tantas tinham sido as

* PESSOA, *op. cit.*

demãos, cada morador a pintara de uma cor nova sobre a cor antiga. Mas ele a amou como uma namorada. Não queria pôr vestido novo sobre vestido velho. Queria vê-la nua. Foi necessário um longo striptease, raspagens sucessivas, até que ela, nua, mostrasse seu corpo original: pinho-de-riga marfim com sinuosas listras de cor marrom.

Nós. Casas. Vão-nos pintando pela vida afora até que memória não mais existe do nosso corpo original. O rosto? Perdido. Máscara de palavras. Quem somos? Não sabemos. Para saber é preciso esquecer, desaprender.

Segunda aranha, segundo fio, Bernardo Soares: nós só vemos aquilo que somos. Ingênuos, pensamos que os olhos são puros, dignos de confiança, que eles realmente veem as coisas tais como são. Puro engano. Os olhos são pintores: pintam o mundo de fora com as cores que moram dentro deles. Olho luminoso vê mundo colorido; olho trevoso vê mundo negro.

Nem Deus escapou. Mistério tão grande que ninguém jamais viu, e até se interditou aos homens fazer sobre ele qualquer exercício de pintura, segundo mandamento – “Não farás para ti imagem” (Dt 5:8) –, tendo sido proibido até, com pena de morte, que o seu nome fosse pronunciado. Mas os homens desobedeceram. Desandaram a pintar o grande mistério como quem pinta casa. E, a cada nova demão de tinta, mais o mistério se parecia com a cara daqueles que o pintavam. Até que o mistério desapareceu, sumiu, foi esquecido, enterrado sob as montanhas de palavras que os homens empilharam sobre o seu vazio. Cada um pintou Deus do seu jeito.

Disse Angelus Silesius:

O olho através do qual Deus me vê é o mesmo através do qual eu o vejo. E assim Deus virou vingador que administra um

inferno, inimigo da vida que ordena a morte, eunuco que ordena a abstinência, juiz que condena, carrasco que mata, banqueiro que executa débitos, inquisidor que acende fogueiras, guerreiro que mata os inimigos, igualzinho aos pintores que o pintaram.

E aqui estamos nós diante desse mural milenar gigantesco, onde foram pintados rostos que os religiosos dizem ser de Deus. Cruz-credo. Exorcizo. Deus não pode ser assim tão feio. Deus tem de ser bonito. Feio é o cramulhão, o cão, o coisa-ruim, o demo. Retratos de quem pintou, isso sim. Menos que caricatura. Caricatura tem parecença. Máscaras. Ídolos. Para se voltar a Deus, é preciso esquecer, esquecer muito, desaprender o aprendido, raspar a tinta...

Os que não perderam a memória do mistério se horrorizaram diante dessa ousadia humana. Denunciaram. Houve um que gritou que Deus estava morto. Claro. Ele não conseguia encontrá-lo naquele quarto de horrores. Gritou que nós éramos os assassinos de Deus. Foi acusado de ateu. Mas o que ele queria, de verdade, era quebrar todas aquelas máscaras para poder de novo contemplar o mistério infinito.

Outro que fez isso foi Jesus. “Ouvistes que foi dito aos antigos [...] Eu, porém, vos digo [...]” (Mt 5:21-2). O deus pintado nas paredes do templo não combinava com o Deus que Jesus via. O deus sobre o qual ele falava era horrível às pessoas boas e defensoras dos bons costumes. Dizia que as meretrizes entrariam no reino à frente dos religiosos. Que os beatos eram sepulcros caiados: por fora brancura, por dentro fedor. Que o amor vale mais do que a lei. Que as crianças são mais divinas que os adultos. Que Deus não precisa de lugares sagrados – cada ser humano é um altar, onde quer que esteja.

E ele fazia isso de forma mansa. Contava estórias. A uma delas, os pintores de parede deram o nome de Parábola do Filho Pródigo. É sobre um pai e dois filhos. Um deles, o mais velho, todo certo, de acordo com o figurino, cumpridor de todos os deveres, trabalhador.

O outro, mais novo, malandro, gastador irresponsável. Pegou a sua parte da herança adiantada e se mandou pelo mundo, caindo na farra e gastando tudo. Acabou o dinheiro, veio a fome, foi tomar conta de porcos. Aí se lembrou da casa paterna e pensou que lá os trabalhadores passavam melhor do que ele. Imaginou que o pai bem que poderia aceitá-lo como trabalhador, já que não merecia mais ser tido como filho. Voltou. O pai o viu de longe. Saiu correndo ao seu encontro, abraçou-o e ordenou uma grande festa, com música e churrasco. Para os pintores de parede, a estória poderia ter terminado aqui. Boa estória para exortar os pecadores a se arrepender. Deus perdoa sempre. Mas não é nada disso. Tem a parte do irmão mais velho. Voltou do trabalho, ouviu a música, sentiu o cheiro de churrasco, ficou sabendo do que acontecia, ficou furioso com o pai, ofendido, e com razão. Seu pai não fazia distinção entre credores e devedores. Fosse o pai como um confessor, o filho gastador teria, pelo menos, de cumprir uma penitência.

A parábola termina num diálogo suspenso entre o pai e o filho justo. Mas o suspense se resolve se entendermos as conversas havidas entre eles. Disse o filho mais moço:

— Pai, peguei o dinheiro adiantado e gastei tudo. Eu sou devedor, tu és credor.

Respondeu-lhe o pai:

— Meu filho, eu não somo débitos.

Disse o filho mais velho:

— Pai, trabalhei duro, não recebi meus salários, não recebi minhas férias e jamais me deste um cabrito para me alegrar com os meus amigos. Eu sou credor, tu és devedor.

Respondeu-lhe o pai:

— Meu filho, eu não somo créditos.

Os dois filhos eram iguais um ao outro, iguais a nós: somavam débitos e créditos. O pai era diferente. Jesus pinta um rosto de Deus que a sabedoria humana não pode entender. Ele não faz contabilidade. Não soma nem virtudes nem pecados. Assim é o amor. Não tem porquês. Sem-razões. Ama porque ama. Não faz contabilidade nem do mal nem do bem. Com um Deus assim, o universo fica mais manso. E os medos se vão. Nome certo para a parábola: “Um pai que não sabe somar”. Ou: “Um pai que não tem memória”...

FORA DA BELEZA NÃO HÁ SALVAÇÃO...

Escrevo como poeta. Cummings disse que o mundo ilimitado de um poeta é ele mesmo. Narcisismo egocêntrico? Não. Invoco a Cecília Meireles para esclarecer. Dizia ela para sua avó: “Teu corpo era um espelho pensante do universo”.* Os poetas, diferentemente dos cientistas, que desejam conhecer o universo olhando diretamente para ele, só conhecem o universo como parte do seu corpo. Poesia é eucaristia. O poeta contempla a coisa e diz: “Isso é o meu corpo”.

Poeta, não sei falar cientificamente sobre o cristianismo. Só posso falar sobre ele tal como foi se refletindo no espelho do meu corpo, através do tempo.

Infância. Crianças não têm ideias religiosas. Nada sabem sobre entidades espirituais. Crianças são criaturas deste mundo. Elas o experimentam por meio dos sentidos, especialmente a visão. As crianças não têm ideias religiosas, mas têm experiências místicas. Experiência mística não é ver seres de outro mundo. É ver este mundo iluminado pela beleza. Essas são experiências grandes demais para a linguagem. Dessas experiências brotam

* MEIRELES, *op. cit.*

os sentimentos religiosos. Religião é a casca vazia da cigarra sobre o tronco da árvore. Sentimento religioso é a cigarra em voo. Menino, eu voava com as cigarras.

As ideias religiosas não nascem das crianças. São colocadas no corpo das crianças pelos adultos. Minha mãe me ensinou a rezar: “Agora me deito para dormir. Guarda-me, ó Deus, em teu amor. Se eu morrer sem acordar, recebe minh’alma, ó Senhor. Amém”. Resumo mínimo de teologia cristã: há Deus, há morte, há uma alma que sobrevive à morte. Depois vieram outras lições: “Deus está te vendo, menino...”. Deus vira um Grande Olho que tudo vê e me vigia. Meu primeiro sentimento em relação a Deus: medo.

As crianças acreditam naquilo que os grandes falam. E assim se inicia um processo educativo pelo qual os grandes vão escrevendo no corpo das crianças as palavras da religião. O corpo da criança deixa de ser corpo de criança – passa a ser o caderno em que os adultos escrevem suas palavras religiosas.

Muitas são as lições do catecismo. Deus é um espírito que sabe todas as coisas. Vê o que você está fazendo com as mãos, debaixo das cobertas, com a luz apagada. Deus é onipotente: pode fazer todas as coisas. Tendo poder absoluto, tudo que acontece é porque ele quis. A criancinha defeituosa, a mãe que morre no parto, as câmaras de tortura, as guerras... As tragédias não acontecem. Deus as produz. Diante das tragédias, ensina-se que se deve repetir: “É a vontade de Deus”. É preciso fazer o que Deus manda, pois, se não o fizer, ele me castigará. Se eu morrer sem me arrepender, serei punido com o fogo do inferno, eternamente. Essa vida do corpo, na terra, não tem valor. Vale de lágrimas onde os degredados filhos de Eva lamentam e choram, esperando o céu. O céu vem depois da morte. Deus mora no lugar que há depois que a vida acaba. O mundo é um campo de provas

minado por prazeres onde o destino eterno da alma vai ser decidido. Para amar a Deus e seu céu, é preciso odiar a vida. Quem ama as coisas boas da vida não está amando a Deus. Negar o corpo: lacerações, abstenções, sacrifícios – essas são as dádivas que se devem oferecer a Deus. Ele fica feliz quando sofremos. De todos os prazeres, os mais perigosos são os prazeres do sexo. Assim, é preciso fazer sexo sem prazer, para procriar. Deus nunca foi visto por ninguém. Mas revelou a sua vontade a uma instituição, a Igreja, não importando se católica ou protestante. A ela, Igreja, foi confiada a guarda do livro escrito por inspiração divina, as Sagradas Escrituras, a Grande Enciclopédia dos Saberes e das Ordens Divinas. Sendo assim, “fora da Igreja não há salvação”, porque fora da Igreja não há conhecimento de Deus.

Ludwig Wittgenstein fala sobre o poder enfeitiçante das palavras. Palavras enfeitiçantes: aquelas que nos possuem e nos impedem de pensar. Assim são as ideias religiosas: o corpo dos homens está coberto de palavras que, pelo medo, os dominam. “Possuídos”, não conseguem pensar pensamentos diferentes. Qualquer outra palavra pode significar o inferno. As inquisições, católica e protestante, jamais enviaram pessoas para a fogueira por seus pecados morais. Os pecados morais levam o pecador para mais perto da Igreja, pois ela tem o poder de perdoar. Queimados foram aqueles que tiveram pensamentos diferentes: Bruno, Huss, Serveto. Os crimes de pensamento afastam os homens da Igreja. Consequentemente, os afastam de Deus. Quem pensa pensamentos diferentes tem de ser eliminado ou pela fogueira ou pelo silêncio.

Durante muitos anos, vivi enfeitiçado por essas palavras. Feitiços não se combatem com a razão. É sempre um beijo de amor que quebra o feitiço... Quem me beijou? Um outro que mora em mim. Porque em mim mora não somente aquele que pensa, mas

aquele que sente. Barthes dizia: “Meu corpo não tem as mesmas ideias que eu”.* Meu eu pensava as palavras que haviam sido escritas no meu corpo. Mas o meu corpo pensava outras ideias. A verdade do meu corpo era outra. Ele amava demais a vida. Confesso: nunca me senti atraído pelas delícias do céu. E desconheço alguém que morra de amores por ele. Prova disso é que cuidam bem da saúde. Querem continuar por aqui. Conheço, entretanto, pessoas que vivem vidas torturadas por medo do inferno.

Lembro-me, com nítida precisão, do momento em que tive a percepção intelectual que libertou minha razão para pensar. Eu estava no seminário. Repentinamente, com enorme espanto, percebi que todas aquelas palavras que outros haviam escrito no meu corpo não haviam caído do céu. Se não haviam caído do céu, não tinham o direito de estar onde estavam. Eram demônios invasores. Abriram-se-me os olhos e percebi que essa monumental arquitetura de palavras teológicas que se chama teologia cristã se constrói, toda, em torno da ideia do inferno. Eliminado o inferno, todos os parafusos lógicos se soltariam, e o grande edifício ruiria. A teologia cristã ortodoxa, católica e protestante – excetuada a dos místicos e hereges –, é uma descrição dos complicados mecanismos inventados por Deus para salvar alguns do inferno, o mais extraordinário desses mecanismos sendo o ato de um Pai implacável que, incapaz de simplesmente perdoar de maneira gratuita (como todo pai humano que ama sabe fazer), mata o próprio Filho na cruz para satisfazer o equilíbrio de sua contabilidade cósmica. É claro que quem imaginou isso nunca foi pai. Na ordem do amor, são sempre os pais que morrem para que o filho viva.

* BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

Hoje, as ideias centrais da teologia cristã em que acreditei nada significam para mim: são cascas de cigarra, vazias. Não fazem sentido. Não as entendo. Não as amo. Não posso amar um Pai que mata o Filho para satisfazer sua justiça. Quem pode? Quem acredita?

Mas o curioso é que continuo ligado a essa tradição. Há algo no cristianismo que é parte do meu corpo. Sei que não são as ideias. Que ficou, então?

Foi numa Sexta-Feira da Paixão que compreendi. Uma rádio FM estava transmitindo, o dia inteiro, músicas da tradição religiosa cristã. E eu fiquei lá, assentado, só ouvindo. De repente, uma missa de Bach, e a beleza era tão grande que fiquei possuído e chorei de felicidade: “A beleza enche os olhos d’água”, como disse Adélia Prado. Percebi que aquela beleza era parte de mim. Não poderia jamais ser arrancada do meu corpo. Durante séculos os teólogos, seres cerebrais, se dedicaram a transformar a beleza em discurso racional. A beleza não lhes bastava. Queriam certezas, queriam a verdade. Mas os artistas, seres-coração, sabem que a mais alta forma de verdade é a beleza. Agora, sem a menor vergonha, digo: Sou cristão porque amo a beleza que mora nessa tradição. As ideias? Chiados de estática, ao fundo...

Assim proclamo o único dogma da minha teologia cristã erótico-herética: “Fora da beleza não há salvação”.